

# FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E PESQUISA ETNOGRÁFICA COLABORATIVA: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR PESQUISADOR

**Stella Maris BORTONI-RICARDO**  
**Ana Dilma de Almeida PEREIRA**  
(Universidade de Brasília)

**RESUMO:** O propósito deste artigo é mostrar a importância da pesquisa etnográfica colaborativa para a prática do professor. Serão apresentados resultados parciais desta pesquisa que vem sendo desenvolvida em um contexto de um programa de formação continuada de professores – Pró-Letramento – no estado do Maranhão, Nordeste do Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** formação continuada de professores; pesquisa etnográfica colaborativa; professor pesquisador.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to show the importance of the collaborative ethnographic classroom research for the teacher's practice. Partial results of this research, which is being carried out in a context of a program of teachers' further education – Pró-Letramento – in the state of Maranhão, Northeast of Brazil, will be presented.

**KEYWORDS:** ethnographic research; teachers' further education; the teacher as researcher.

## **Introdução**

Queremos destacar aqui a importância da formação de um *professor pesquisador* a partir de uma investigação que temos feito no âmbito da formação continuada de professores da educação básica. Para fundamentar esta pesquisa, partimos de um referencial teórico-metodológico elaborado por Bortoni-Ricardo (2006) – *Pesquisa qualitativa e a prática do professor* – para a introdução à pesquisa qualitativa em Educação, que já vem sendo utilizado em disciplinas dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Linguística da UnB e que também

tem sido o norteador da pesquisa que Pereira (2006) está realizando no Doutorado em Linguística na UnB. O texto de Bortoni-Ricardo enfatiza que o professor que consegue associar ao seu fazer pedagógico um trabalho de pesquisa, tornando-se um professor pesquisador, estará no caminho de aperfeiçoar-se como professor e de desenvolver uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com seus alunos.

Os *Referenciais para Formação de Professores* também propõem que a atuação profissional do professor deve ser objeto constante de reflexão: “Pela natureza de sua atuação, o professor promove articulação entre os objetivos educativos, as circunstâncias contextuais e as possibilidades de aprendizagem de seus alunos. É quando investiga, reflete, seleciona, planeja, organiza, integra, avalia, articula experiências, recria e cria formas de intervenção didática junto aos seus alunos, para que eles avancem em suas aprendizagens, que ele produz conhecimento pedagógico” (Brasil, 1999:108).

E o Parecer do Conselho Nacional de Educação sobre as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura e graduação plena* considera: “a pesquisa (ou investigação) que se desenvolve no âmbito do trabalho do professor refere-se, antes de mais nada, a uma atitude cotidiana de busca de compreensão dos processos de aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos e à autonomia na interpretação da realidade e dos conhecimentos que constituem seus objetos de ensino” (Brasil, 2001: 35).

Isto demonstra que, no processo de formação do professor da educação básica, a formação de um professor pesquisador não é só necessária, mas premente.

### 1. O Pró-Letramento – Programa de formação continuada de professores e a pesquisa etnográfica colaborativa.

Pereira (2006), como pesquisadora da área de letramento e formação de professores, iniciou uma pesquisa no contexto do Programa Pró-Letramento em dezembro de 2005, com o objetivo de investigar as contribuições da (socio)lingüística no processo de formação de professores da educação básica. Realizando uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica colaborativa, atua como formadora de Tutores em Alfabetização e Linguagem em um dos cinco pólos do estado do Maranhão, mais especificamente no pólo de São Luís, que atende a vários municípios além da capital do estado.

Em 2005, após os resultados críticos do SAEB, o Governo Federal sugeriu uma ação emergencial às universidades que integram a Rede Nacional de Formação Continuada para que se minimizassem os problemas referentes ao letramento e numeramento, especialmente nos estados onde o índice de desenvolvimento humano – IDH – é bastante baixo. Assim surgiu o Pró-Letramento, que tem por objetivo “oferecer suporte à ação pedagógica dos professores das séries iniciais do ensino fundamental de modo a elevar a qualidade do ensino de Língua Portuguesa e Matemática, por meio da formação continuada de professores na modalidade à distância. Para tanto, visa desencadear situações que viabilizem a construção de conhecimentos pelos professores, a fim de que possam estabelecer novas compreensões e reflexões, à medida que estiverem inseridos numa rede de formação” (Nadal & Ribas, 2005, p.3).

Considerando este contexto de formação, os Tutores da área de Alfabetização e Linguagem, até novembro/2006, participaram de quatro encontros presenciais em São Luís. A formação a distância foi implementada tendo em vista, inclusive, as interações via e-mail. Desde abril/2006, os Tutores, como agentes de letramento (cf. Kleiman, 2006), iniciaram a formação de professores de seus municípios. Eles têm socializado o êxito obtido na formação dos professores e os reflexos disso nas salas

de aula dos Professores Cursistas. Só no pólo de São Luís estão sendo formados mais de 1.500 professores e no estado do Maranhão cerca de 10.000 professores da educação básica.

Durante a formação dos Tutores em Alfabetização e Linguagem, as contribuições da etnografia e a formação de um professor pesquisador foram consideradas um importante eixo dessa investigação. Em um dos instrumentos de pesquisa aplicados junto aos Tutores perguntou-se: - Para você, o que significa ser um professor(a) pesquisador(a)? Você acredita que tem atuado como Tutor(a) Pesquisador(a) no processo de formação em Alfabetização e Linguagem do(a) Professor(a) Cursista?

Eis algumas das respostas dadas pelos Tutores que autorizaram o uso de seus nomes na pesquisa:

*Antonia* – Ser um professor pesquisador é ser capaz de detectar as dificuldades que surgem no processo ensino-aprendizagem e estar sujeito a sempre buscar inovações, conhecimentos para tentar solucionar estas. Pelo menos a cada dia estou aprendendo a ser este professor pesquisador.

*Katiucia* – Ser professor pesquisador para mim é quando este observa os problemas de sua realidade educativa e busca através das concepções teórico-metodológicas e também de experiências vivenciadas, possíveis soluções. E que continuamente questiona a sua prática.

*Hailton* – Ser professor pesquisador é justamente posicionar-se como mediador do processo, como alguém que busca compreender a realidade e a partir daí propor conscientemente mecanismos de análise, discussão e intervenção. Como tutor tenho a cada novo estudo, procurado conhecer, compreender e principalmente buscar outras informações a fim de sistematizar ações de intervenção.

*Zuleica* – Acredito que o espírito pesquisador deve ser constante em qualquer trabalho em sala de aula. Acredito também que tenho atuado como pesquisadora e tenho, na medida do possível, tentado despertar nos cursistas esse interesse.

Uma outra questão proposta aos Tutores foi: - Que aspectos do seu *trabalho pedagógico* na formação em Alfabetização e Linguagem dos(as) Professores(as) Cursistas constituem problemas que mereceriam (têm merecido) a sua investigação? Que benefícios a investigação desses problemas poderá trazer (trouxe) ao seu trabalho?

E os Tutores acrescentaram:

*Doracy* – Por que alguns professores não demonstram ter gosto pela leitura? E como desenvolvem tal prática em suas salas de aula com seus alunos? Essas investigações fariam com que eu criasse estratégias para que refletissem sobre o ato de ler no dia-a-dia, e despertem o gosto pela leitura.

*Jesus* – O tratamento do “erro” nas produções textuais. Benefícios: o respeito à criatividade, à oralidade; melhorar a comunicação; trabalhar ou melhor desenvolver a escrita, o raciocínio.

*Katiucia* – Dentre todos os aspectos percebidos em nosso trabalho pedagógico, o que mais têm merecido a minha investigação é a sistematização de práticas (ou estratégias) de alfabetização e também de letramento na sala de aula. Por isso o destaque dado aos aspectos do pensar, planejar, executar e avaliar esses procedimentos. O professor precisa de “andaimos”, não só para saber fazer (atividades), mas para fazer sabendo porque está fazendo.

*Pereira* – A monitoração na fala e escrita (fascículo 6 [Bortone & Bortoni-Ricardo, 2005]) merece maior

investigação em relação aos professores cursistas, pois através desta investigação com acompanhamento destas cursistas em sala de aula, teremos resultados positivos para nosso trabalho.

Queremos apontar, diante dessas colocações feitas pelos Tutores em Alfabetização e Linguagem, que o tripé ação-reflexão-ação não é apenas o norteador de sua prática como Tutores do Pró-Letramento, mas norteador de suas ações como agentes de letramento, pois não acreditam que o trabalho pedagógico possa ser dissociado da pesquisa.

## 2. A pesquisa qualitativa em sala de aula

Para o desenvolvimento da formação de professores pesquisadores, foram considerados com os Tutores aspectos da pesquisa de sala de aula, abordados por Bortoni-Ricardo (2006). A pesquisa de sala de aula insere-se no campo da pesquisa social e pode ser construída de acordo com o paradigma quantitativo, que deriva do Positivismo, ou do paradigma qualitativo, que provém da tradição epistemológica conhecida como Interpretativismo. O Positivismo começou a ser empregado nas ciências exatas e foi depois importado para as ciências sociais, a partir do início do século XIX. Quanto ao Interpretativismo, pode-se encontrar um conjunto de métodos e práticas empregados na pesquisa qualitativa, tais como: pesquisa etnográfica, observação participante, estudo de caso, interacionismo simbólico, pesquisa fenomenológica, pesquisa construtivista, entre outros.

Segundo Bortoni-Ricardo (2006), o termo etnografia foi cunhado por antropólogos nos finais do século XIX para se referir a monografias que vinham sendo escritas sobre os modos de vida de povos até então desconhecidos na cultura ocidental. Para conduzir sua pesquisa, o etnógrafo participa da vida diária da comunidade que está estudando, observando tudo o que ali acontece, fazendo perguntas e reunindo todas as informações que podem desvelar as características daquela cultura, que é o seu

foco de estudo. Bortoni-Ricardo, em seu texto *Pesquisa qualitativa e a prática do professor*, menciona Dell Hymes, um sociolinguísta de formação antropológica que, a partir de 1962, estabeleceu as bases programáticas da etnografia da comunicação. O objeto da etnografia da comunicação pode ser sintetizado com a pergunta: o que um indivíduo precisa saber para comunicar-se apropriadamente em uma comunidade de fala e como ele ou ela adquire esse saber? A autora ressalta que essa questão está associada a um conceito educacional muito importante: a competência comunicativa. O principal componente na proposta de Dell Hymes é a inclusão da noção de adequação no âmbito da competência linguística. A autora ainda destaca que é especialmente na escola que o indivíduo tem a oportunidade de *ampliar sua competência comunicativa de forma sistemática e de agregar novos recursos comunicativos*.

Bortoni-Ricardo expõe que, na escola ou na sala de aula, os etnógrafos começam seu trabalho de pesquisa procurando responder a três perguntas: (i) O que está acontecendo aqui? (ii) O que essas ações significam para as pessoas que estão envolvidas nelas? (iii) Como essas ações que têm lugar em um microcosmo como a sala de aula se relacionam com dimensões de natureza macro-social em diversos níveis, começando pelo sistema local em que a escola está inserida; a cidade e a comunidade nacional?

A autora faz referência a uma pesquisa de natureza etnográfica que se tornou um modelo, conduzida por Courtney Cazden, no início dos anos 80 do século passado. Cazden (1988) focalizou as dimensões de continuidade e descontinuidade entre o lar e a escola na vida das crianças, dando atenção especial aos processos interacionais em sala de aula. Ela mostrou que certos grupos sociais desenvolvem em casa atividades de letramento afins às atividades das escolas. Quando isso acontece, a transição das crianças do lar para a escola é mais facilitada. Cazden também divulgou o conceito de *andaimas*, proposto originalmente por Jerome Bruner com base na teoria vigotskyana. Segundo Bortoni-Ricardo, andaime é um termo metafórico que se refere à assistência visível ou audível que um membro mais experiente de

uma cultura presta a um aprendiz, em qualquer ambiente social, ainda que o termo seja mais empregado no âmbito do discurso de sala de aula. Este conceito foi bastante enfatizado na formação dos Tutores do Pró-Letramento, pois, de acordo com a mesma autora, um trabalho de andaime pode tomar a forma de um prefácio a uma pergunta, de sobreposição da fala do professor à do aluno, auxiliando-o na elaboração de seu enunciado, de sinais de retorno, comentários, reformulações, reelaboração e paráfrase e, principalmente, expansão do turno de fala do aluno. Todas essas estratégias dão ao aluno a oportunidade de “reconceptualizar” o seu pensamento original, seja na dimensão cognitiva seja na dimensão formal.

A autora considera que um problema que se pode apresentar ao professor pesquisador é como conciliar suas atividades de docência com as atividades de pesquisa. Mas acrescenta que uma forma de contornar essa situação é adotar métodos de pesquisa que possam ser desenvolvidos sem prejuízo do seu trabalho, como a adoção de um diário de pesquisa. Os textos que são incorporados aos diários são descritivos de experiências. Estas seqüências descritivas contêm narrativas de atividades, descrições de eventos, reproduções de diálogos, informações sobre gestos, entoação e expressões faciais. Além disso, constam também dos diários as seqüências interpretativas, que contêm interpretações, avaliações, especulações que vão permitir ao autor desenvolver uma teoria sobre a ação que está interpretando. O professor pesquisador pode tomar notas simultaneamente às suas atividades ou após o seu trabalho. A autora reforça que uma grande vantagem do trabalho do professor pesquisador é que ele resulta em uma “teoria prática”, ou seja, em conhecimento que pode influenciar as ações práticas do professor, permitindo uma operacionalização da relação ação-reflexão-ação, tal como pudemos observar a partir dos depoimentos dados pelos Tutores no início desse texto.

### 3. A constituição da pesquisa etnográfica

Bortoni-Ricardo (2006) expõe que o objetivo da pesquisa qualitativa em sala de aula, em especial a etnografia, é o desvelamento do que está dentro da “caixa preta” no dia-a-dia dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se “invisíveis” para os atores que deles participam.

A autora mostra que a pesquisa etnográfica inicia-se com *perguntas exploratórias* sobre questões que se podem constituir em problemas de pesquisa. Para chegar a elas o pesquisador se baseia em sua experiência e em leituras especializadas. Na evolução do processo investigatório, as perguntas exploratórias estão sujeitas à revisão e a modificações.

Para que o pesquisador tenha mais clareza sobre o seu problema de pesquisa, é preciso que procure explicitar em um enunciado o *objetivo geral* de sua pesquisa. Além do objetivo geral, podem ser postulados também alguns *objetivos específicos*, que contribuem para apontar ao pesquisador caminhos que vai percorrer ao longo do seu trabalho.

A construção detalhada dos objetivos e de definições vai facilitar a *geração de asserções*. Na pesquisa qualitativa não se levantam hipóteses como na pesquisa quantitativa. A asserção é um enunciado afirmativo no qual o pesquisador antecipa os desvelamentos que a pesquisa poderá trazer.

Bortoni-Ricardo enfatiza que todo trabalho de campo para a coleta de dados tem de se iniciar com as negociações que permitirão a entrada do pesquisador no campo. A principal providência a ser tomada é a negociação com as pessoas que darão acesso ao local da pesquisa, discutindo com eles a natureza e os objetivos da pesquisa para que se possa freqüentar a escola e entrar nas salas de aula. A negociação terá de garantir ao professor que todos os dados coletados terão caráter sigiloso e que qualquer divulgação será discutida previamente com os professores envolvidos. A pesquisa tem de ser regida por rígidos princípios de ética, que preservem os colaboradores que dela se dispuserem a participar. A autora ressalta que a coleta de dados não deve ser

um processo intuitivo, mas um processo deliberativo. Isso significa desenvolver uma visão que alguns metodólogos chamam de *visão social estereoscópica*, tridimensional. O pesquisador não é um relator passivo e sim um agente ativo na construção do mundo, cuja ação investigativa tem influência no objeto da investigação e é por sua vez influenciada por este. Essa capacidade é denominada *reflexividade*, na literatura especializada.

Quando o pesquisador tem clareza sobre seus objetivos, sabe que terá de reunir registros de diferentes naturezas (observação direta, entrevistas, fotos, gravações de áudio e de vídeo etc.). Esses registros vão permitir a *triangulação* dos dados, recurso de análise que permite comparar dados de diferentes tipos com o objetivo de confirmar ou desconfirmar uma asserção. Pode-se construir também uma triangulação combinando as perspectivas de diversos atores em uma ação.

No entanto, um problema que pode resultar de dados insuficientes ou inadequados é a confirmação ou rejeição prematura de uma asserção, que o etnógrafo Frederick Erickson (1990) denomina problema de tipificação prematura. Uma solução é entrar na sala de aula e observar dias inteiros, identificando uma gama ampla de eventos que ocorreram ao longo do dia e suas freqüências relativas. Com o tempo as noções do pesquisador sobre fenômenos que são mais relevantes no estudo tornam-se mais claras.

Bortoni-Ricardo considera que um momento muito importante da coleta de dados é quando o pesquisador passa a limpo suas anotações. A atividade de reescritura favorece a reflexão e permite que elementos que passaram despercebidos mereçam mais atenção. A gravação eletrônica em vídeo ou áudio tem uma grande vantagem na coleta de dados porque permite ao observador "revisitar" os dados muitas vezes para tirar dúvidas e refinar a teoria que está construindo. Os dados de uma pesquisa qualitativa podem ser de diversas naturezas, como notas de campo, comentário de entrevista, documentos recolhidos no local e gravações eletrônicas.

A autora ainda ressalta que, no decorrer da sua coleta de dados, o pesquisador geralmente reúne uma grande quantidade

de registros e pode sentir-se confuso para iniciar a análise. Esses registros de fato ainda não são dados, mas fontes para dados. O processo de converter fontes documentais em dados é um trabalho de *indução analítica* por meio do qual o pesquisador vai estabelecendo elos entre os seus registros e as suas asserções. Quando uma asserção é garantida não só por várias instâncias do mesmo tipo de dados, mas também por itens de outros tipos, o pesquisador pode ter mais confiança de que aquela asserção está confirmada. Além dos dados confirmatórios, o processo de indução analítica poderá ajudar o pesquisador a encontrar dados desconfirmatórios, que não devem ser descartados. Vários excertos de pesquisa que ilustram bem como se deve estabelecer o elo entre asserções e dados podem ser encontrados em Bortoni-Ricardo (2004 e 2005).

#### 4. A pesquisa etnográfica colaborativa e a formação continuada de professores

Bortoni-Ricardo (2006) expõe que a *pesquisa etnográfica colaborativa* tem suas raízes na tradição da teoria social crítica, oriunda do marxismo, neomarxismo e da Escola de Frankfurt. A pesquisa etnográfica colaborativa tem por objetivo não apenas descrever, como no caso da etnografia convencional, mas também promover mudanças para melhor no ambiente pesquisado. Dessa forma ela é ao mesmo tempo hermenêutica e emancipatória. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador não é um observador passivo que procura entender o outro, que também, por sua vez, não tem um papel passivo. Ambos são co-participantes ativos no ato da construção e de transformação do conhecimento. Para tal, a agenda da pesquisa é negociada de modo a atender a necessidades do grupo que vai ser pesquisado.

Durante a formação a distância e mais especialmente nos encontros presenciais, Pereira (2006) implementou essa pesquisa etnográfica colaborativa (que ainda se encontra em andamento) com os Tutores em Alfabetização e Linguagem do Pró-Letramento, seguindo as orientações dadas por Bortoni-Ricardo (2006). Em seu texto *Pesquisa qualitativa e a prática do professor*, a autora

acrescenta que a etnografia colaborativa na educação é muito adequada ao trabalho que se quer desenvolver no projeto de formação continuada porque formador e professor em formação *são parceiros de uma pesquisa e de um projeto de aperfeiçoamento dos atores envolvidos na pesquisa*. Valendo-se da metodologia etnográfica colaborativa, na medida em que o objeto da pesquisa é a ação-reflexão-ação dos sujeitos-parceiros, os formadores têm como procedimento básico a observação participante. É importante que o formador conheça a perspectiva significativa do professor em formação sobre cada ação identificada, isto é, precisa saber como o professor em formação vê e interpreta a referida ação e verificar se há identidade entre a sua interpretação e a do professor em formação.

### 5. Considerações Finais

Gostaríamos de finalizar apresentando algumas considerações de três Tutoras (mas que são extensivas a todos os Tutores): Katiucia, Tina e Lídia, que atuam na Rede Municipal de São Luís-MA e trabalham constantemente em equipe. Elas destacaram, no último encontro presencial do Pró-Letramento, alguns pontos que consideramos muito produtivos para os propósitos desse texto: a) as Tutoras têm sentido cada vez mais necessidade de investir na própria formação (estudando, pesquisando, comprando livros...); b) o grupo de Professores Cursistas está bastante motivado com a formação continuada implementada. Eles têm elaborado relatórios de sua prática diária e assumido uma postura de professores pesquisadores; c) as Tutoras têm se preocupado com o aprofundamento e sistematização dos conhecimentos trazidos nos fascículos do Pró-Letramento; para elas, o desafio é efetivar o conhecimento do Pró-Letramento; d) as ações na formação continuada dos Professores Cursistas no que se refere às práticas presenciais e a distância têm ocorrido levando-se em consideração o desenvolvimento da ação-reflexão-ação, implementado na relação interativa entre Tutor e Professor Cursista (em um feedback contínuo) e na

contextualização da realidade educativa do Professor Cursista (histórias de vida e abordagem interacional da linguagem).

Portanto, temos a convicção de que o desenvolvimento da pesquisa qualitativa em sala de aula e, em especial, da pesquisa etnográfica colaborativa pelo professor pesquisador é uma importante contribuição para todos que se interessam e trabalham pela melhoria e qualidade da Educação, especialmente, da Educação em Língua Materna.

### Referências

BORTONE, M. E. & BORTONI-RICARDO, S. M. *Modos de falar/Modos de escrever*. Fascículo 6 – Pró-Letramento – Alfabetização e Linguagem. Brasília: CFORM/UnB, SEB/SEED/MEC, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. Pesquisa qualitativa e a prática do professor. In: *Projeto de formação continuada para professores do ensino médio, área de língua portuguesa e literatura – (Estado do Ceará)*. Brasília: CEAD, 2006. 31p.

\_\_\_\_\_. *Educação em língua materna - a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. *Nós chegemos na escola e agora? Sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Fundamental. *Referenciais para formação de professores*. Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP n. 9/2001. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura e graduação plena*. Brasília, 08 de maio de 2001.

CAZDEN, C. *Classroom discourse: the language of teaching and learning*. Portsmouth: Heinemann, 1988.

ERICKSON, F. *Qualitative methods. Research in teaching and learning*. Volume 2. New York: Macmillan Publishing Company, p.75-200, 1990.

KLEIMAN, A. Processos identitários na formação profissional. O professor como agente de letramento. In: CORRÊA, M. L. G.; BOCH, F. (Org.). *Ensino de língua: representação e letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006, p.75-91.

NADAL, B. G. & RIBAS, M. H. *Formação de professores orientadores(Tutores)*. Fascículo 8 – Pró-Letramento – Alfabetização e Linguagem. Brasília: UEPG, SEB/SEED/MEC, 2005.

PEREIRA, A. D. de A. A formação (sócio)lingüística de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental no Programa de Formação Continuada – Pró-Letramento. *Anais da XXI Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste – GELNE*. João Pessoa-PB, 2006, p.211-221.